

# **FILOSOFIA E RELIGIÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO DA EXPERIÊNCIA DE DEUS NO MUNDO ANTIGO E CIENTÍFICO CONTEMPORÂNEO.<sup>1</sup>**

RAFAEL LOPES<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Hoje na contemporaneidade alguns sistemas lutam para permanecer numa experiência de Deus do passado, enquanto que outros segmentos da sociedade investem tudo que podem para uma experiência de Deus no mundo científico. Em muitos casos as ciências estão sendo tomadas como substituição do sagrado. Observando a realidade nota-se que nenhuma destas duas posições responde as questões que estão postas atualmente; mas, tudo indica que o melhor caminho seria superar o dualismo buscando uma integração entre a razão e a fé.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mundo antigo, Mundo moderno, dualismo, razão, fé, integração.

## **ABSTRACT**

Today nowadays some systems struggle to remain a God of past experience, while other segments of society invest everything they can to an experience of God in the scientific world. In many cases the sciences are being taken as replacement of the sacred. Observing reality is noted that none of these two positions answer the questions that are currently put; but, it seems that the best way would be to overcome the dualism seeking an integration between reason and faith.

**Key-words:** Ancient world, modern world, dualism, reason, faith integration.

---

<sup>1</sup> Título do Artigo Científico

<sup>2</sup> Bacharel em Serviço Social pela Faculdade Católica de Uberlândia-PUC-Minas. Com especialização em Ciências da Religião (Latu Senso) pela FACEL- Faculdade de Administração Ciências e Letras—[rafauruguai@hotmail.com](mailto:rafauruguai@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O presente estudo trata, especificamente, da temática razão e fé, uma questão tão antiga quanto o Cristianismo. O assunto é de suma importância. Evidentemente, os valores religiosos refletem na visão de mundo a ser aderida por uma sociedade. Pretende-se discorrer neste artigo sobre a suspeita de um dualismo no que tange a razão e fé, também como sua superação na perspectiva de uma nova integração. Num primeiro momento se traçará um breve histórico da Experiência de Deus no mundo antigo. No segundo momento, se explanará sobre a Experiência de Deus no mundo científico moderno. No terceiro momento, será abordada a comparação da Experiência de Deus no mundo antigo, com a Experiência de Deus no mundo moderno e o utilitarismo quanto problemática posto na contemporaneidade. Integrar razão e fé é visar considerar o avanço científico e a busca crescente pelo sagrado num dos países mais religioso do mundo, ou seja, o Brasil. Por fim, serão tecidas considerações sobre o assunto, tendo como foco de pesquisa diversas obras que versam sobre o tema. Para a construção do presente artigo foi utilizada pesquisa bibliográfica, baseando-se em revisões teórico-conceituais e metodológicas, ligados direta ou indiretamente ao tema, mediante o método analítico, aliado ao estudo crítico, perscrutativo e histórico, com a finalidade de compreender a temática razão e fé. Fazendo interface com a Filosofia e a Teologia, também como a Ciência da Religião. Este trabalho mostra-se de grande importância, por se tratar de um tema que perpassa a história sendo alvo de várias críticas e debates. Contribuindo dessa forma como mais um meio de pesquisa. O tema abordado é muito complexo e o presente trabalho não será capaz de esgotá-lo devido as suas limitações, no entanto, serão envidados esforços no sentido de contemplar os mais relevantes aspectos para um adequado entendimento.

## 2. EXPERIÊNCIA DE DEUS NO MUNDO ANTIGO

A experiência de Deus no mundo antigo tem como ponto principal a perspectiva Teocentrista, ou seja, o homem orbitava em volta de Deus, focando suas ações para que as mesmas estivessem em consonância com a vontade divina. Era uma experiência que consistia em um doar-se, para além do que se iria ganhar no mundo material, visando apenas o Cristo da Eternidade. Para melhor compreensão é necessário adotar um conceito sobre a experiência religiosa, a fim de pensar a partir dela. Neste sentido é extremamente pontual a definição de AmatuZZi,

a experiência religiosa tem uma repercussão direta na vida da pessoa. Ela é tal que transforma ou modifica a vida. A experiência religiosa abre a pessoa para um mundo inteiramente novo e diferente do cotidiano, do qual só é possível dar conta a partir de dentro dele mesmo. (AMATUZZI, 1977, p.35 e 37).

Esta concepção retrata como se dava a experiência de Deus no mundo antigo, pois a mudança exterior no comportamento ético-moral apontava para uma mudança interior, atribuída a presença de Deus no coração do homem. A partir do momento em que esta experiência se dava, havia uma substituição de valores na vida do indivíduo, onde o mesmo passava a aderir uma vida de renúncia a fim de identificar-se com o testemunho de Cristo, o qual não viveu para si, mas para o outro. Neste sentido é importante ressaltar que este tipo de experiência religiosa, suplantava qualquer tipo de princípios adversos aos princípios cristãos, fato este que colidia a vida do cristão com a corrupção, seja ela no meio religioso ou estatal da época.

Em toda a história da igreja cristã houve testemunhos de homens que confrontaram os poderes vigentes, a fim de proclamar a justiça do Reino de Deus, a experiência de Deus no mundo antigo, ao menos no meio cristão, era sinônimo de envolvimento com o sofrimento daqueles que eram marginalizados pela sociedade, geralmente por questões econômicas, não se pode negar que o cristianismo foi tomando o posto de religião dominante da civilização ocidental, por causa do seu impacto sociocultural.

Os milhares de conversões através dos primeiros séculos do cristianismo estariam diretamente relacionadas à atitude moral dos cristãos para com a família, o casamento e sua sinceridade perante a vida como um todo. Mas, além do crescimento numérico, a expansão no cristianismo primitivo trouxe transformações sociais significativas<sup>3</sup>.

A experiência de Deus no mundo antigo consistia em uma conduta moral exemplar aos moldes bíblicos, também como um compromisso com a vida em sociedade, expressando assim, uma perspectiva holística da vida, a qual trazia consigo a responsabilidade e o senso para com o outro.

---

<sup>3</sup> Cosmovisão cristã e transformação - Cláudio Antônio Cardoso Leite e Fernando Antônio Cardoso Leite pg.19.

Ao falarmos desta experiência religiosa está nítido que havia uma consequência relevante na sociedade, pois a experiência de Deus se exteriorizava em uma nova experiência com o outro. O fato de esta experiência espiritual relacionar a função social por meio do trabalho de cada um, também foi de grande valia para a sociedade no mundo antigo, pois se relacionava a fé ao exercício do trabalho, gerando assim uma ética cristã que norteou a Europa por muito tempo, neste sentido Martinho Lutero (1483-1546) ensinou que:

Finalmente, de levar-se em conta é isso: que o Senhor a cada um de nós em todas as ações da vida ordena atentar para Sua vocação. Pois, [Ele] sabe com quão grande inquietude efervesça o engenho humano, de quão inconstante volubilidade seja levado para cá e para lá, quão ávida lhe seja a ambição em abraçar diversas cousas a um só tempo. Portanto, para que através de nossa estultície e temeridade de cima abaixo se não misturem todas [as cousas, Deus] ordenou a cada um os seus deveres em distintos gêneros de vida. E para que não ultrapasse alguém temerariamente os seus limites, a essas modalidades de viver chamou vocações. Logo, para que não sejam levados em volta às cegas pelo curso da vida, foi pelo Senhor atribuída a cada um, como se fora um posto de serviço, sua forma de viver. (...) Daqui também insigne consolação surdirá: que, desde que obedeças à tua vocação, nenhuma obra tão ignóbil e vil haverá de ser que diante de Deus não resplandeças e sejas tida por valiosíssima<sup>4</sup>.

Esta fala de Lutero demonstra a importância da função desempenhada para os cristãos do seu tempo, pois a lógica da experiência religiosa no mundo antigo consistia em como fazer e o que fazer, agora sob os parâmetros do cristianismo, pois ao contrário do tempo presente como veremos mais adiante, esta época é marcada por um pensamento central “O que eu devo fazer ao Senhor para que eu possa segui-lo?” em contraste com o pensamento atual que nos diz “O que o Senhor fará para mim, a fim de que eu venha segui-lo?” Portanto, compreende-se que a experiência de Deus no mundo antigo, comunica uma realidade mais intensa, onde o poder de dar significado as coisas passava pela ótica religiosa, por entender que Deus ordenou todas as coisas, e para que uma sociedade fosse construída de forma justa e igualitária, era necessário que a religião desempenhasse o seu papel na formação ética-moral do homem. Richard Baxter<sup>5</sup> irá dizer como esta experiência deveria manifestar-se no cenário econômico, já que o dinheiro sempre foi uma questão minuciosa referente a conduta moral do homem. Para Baxter,

a riqueza deve ser usada para fazer um bem positivo. Baxter tem um alto ponto de vista do lugar da caridade na vida cristã. Fazendo o bem deste modo, nós nos tornamos semelhantes a Deus; isto agrada a Deus, mostra que nossa fé é sincera e é determinada e recomendada na Escritura nos mais fortes termos. (...) Baxter não queria ser legalista em determinar o quanto alguém daria aos que estivessem em necessidade. Ele não apresenta uma proporção fixa; sua única regra é: ‘Dê o quanto você pode dar’. Sobre o dízimo, seu parecer (numa carta a Thomas Gouge) é o seguinte: “Sua proporção da décima parte é demais para alguns, e muito pouco para outros, mas para a maior parte eu acho [que] é tão razoável como apropriada para ser estabelecida em particular” (I.863b). Ele queria

<sup>4</sup> João Calvino, As Institutas ou Tratado da Religião Cristã, vol. III (SP: CEP, 1989), 186, 187.

<sup>5</sup> Richard Baxter foi um líder puritano inglês, sacerdote, escritor, a quem Dean Stanley chamou "o chefe dos protestantes intelectuais da Inglaterra" (1615-1691)

ver o dinheiro cristão sendo utilizado para a conversão dos pagãos, tanto no próprio país como no estrangeiro; para encorajar um piedoso ministério; para edificar e beneficiar escolas e hospitais; para ajudar as crianças pobres; e, naturalmente, para socorrer os pobres. Parece que ele mesmo dava metade de sua renda anual para causas caridosas dessa espécie<sup>6</sup>

E como o cenário econômico é o bojo destas transformações históricas, do mundo antigo ao mundo científico moderno, faz-se necessário colocar a influência que esta experiência de Deus no mundo antigo afetou de forma positiva a economia européia da época, abrindo caminho para o mundo moderno e uma nova perspectiva de desenvolvimento. No entendimento de Max Weber em seu livro *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo* ele bem coloca que:

à medida que foi se estendendo a influência do estilo de vida puritano, centrado na idéia da vocação, – e isto, naturalmente, é muito mais importante do que o simples fomento da acumulação de capital – foi favorecido o desenvolvimento de uma vida econômica racional e burguesa. Era a sua mais importante e sua única orientação consistente, nisto tendo sido o berço do moderno “homem econômico”. “A intensidade da procura do reino de Deus gradualmente começa a transformar-se em sóbria virtude econômica, quando lentamente desfalecem as raízes religiosas, dando lugar à secularidade utilitária... uma ética profissional especificamente burguesa surgiu em seu lugar<sup>7</sup>.

É justamente esta visão utilitarista que irá definir a experiência de Deus no mundo científico moderno.

### 3. A EXPERIÊNCIA DE DEUS NO MUNDO CIENTÍFICO MODERNO

Se a experiência de Deus no mundo antigo consistia no homem orbitando em volta de Deus, no mundo científico moderno é justamente o oposto que se propõe. Um Deus que venha orbitar em torno do homem e suas necessidades é o que se espera. Pode-se definir este tempo como o declinar de Deus e a ascensão do homem, o chamado antropocentrismo. Claro que esta descrença não partiu de “uma evolução mental”, mas a ascensão da ciência está intrinsecamente ligada ao movimento de resistência as ideias religiosas medievais, que procuravam deter o conhecimento, evitando uma emancipação científica a qual levaria a uma separação entre a razão e a fé.

Um dos responsáveis pela concepção da ciência moderna era Galileo Galilei (1564-1642) que acreditava que os estudos anteriores em filosofia natural demonstravam uma dependência excessiva de especulações metafísicas e um

<sup>6</sup> Wooldridge, D. R. “O ensino econômico e social de Richard Baxter”, *Jornal Os Puritanos*, Ano II – Número 5 (Setembro/Outubro 1994), 27.

<sup>7</sup> Ibid, 126-127.

apego ilegítimo à opinião de autoridades, particularmente Aristóteles. O conhecimento filosófico predominante na época passa a ser questionado pela perspectiva da experimentação que poderia levar o homem a outro tipo de conhecimento mais sólido, e claro, por conseguinte, afetar diretamente as estruturas do pensamento religioso, formando assim, um novo caminho para a experiência de Deus no mundo científico moderno, neste sentido o Dr. Silvio Seno C. declarou:

Até aqui, tratamos do surgimento da ciência moderna focalizando mais a questão do método de investigação da natureza. Mas, evidentemente, o surgimento da ciência, no sentido usual do termo hoje em dia, envolveu muito mais do que isso. Como veremos em outros tópicos desta série, o conhecimento científico não se resume à observação sistemática e registro de fenômenos, sendo encapsulado em teorias. Pois bem: a época de eclosão da ciência moderna (séculos XVI a XVIII) ficou marcada não somente pelo desenvolvimento de novos procedimentos de investigação, mas também pela descoberta de novos fenômenos e, principalmente, pelo desenvolvimento de novas teorias capazes de explicá-los. Tais teorias trouxeram uma nova visão científica do mundo, que contrastava fortemente com a visão então predominante, proveniente de uma mistura de elementos da filosofia antiga e da filosofia e religião medievais<sup>8</sup>.

Nos chamados tempos modernos no período do Séc. XV-XVIII o pensamento científico passa a exercer grande autonomia, com a descoberta de novos fenômenos juntamente com teorias que podiam explicá-los, a ciência se consolida cada vez mais, deixando de lado as justificativas provenientes da religião. Este choque causou grande impacto inclusive no seio da igreja católica, pois grandes padres como Galileu Galilei, dedicaram-se a compreender com propriedade este novo método que se apresentava. Após a consolidação da chamada ciência moderna, o pensamento científico tem seu tiro de graça através do método cartesiano, que propunha o ato de duvidar como ponto de partida para averiguação. A partir daí, propagasse o cientificismo, como domínio da razão, tendo o conhecimento científico como único conhecimento verdadeiro na época. Este cenário fortalece um movimento chamado iluminismo<sup>9</sup> o qual dispunha de poder econômico, portanto, também tinha acesso ao conhecimento, tal grupo passa a ver a religião como poder massificador, o qual era necessário ser combatido a fim de perder sua influência nas questões políticas. E assim aconteceu. Um dos expoentes filósofos iluministas foi John Locke (1632-1704), ele acreditava que o homem adquiria conhecimento com o passar do tempo através do empirismo<sup>10</sup>.

A cerca do pensamento iluminista pode-se dizer que:

Os pensadores que defendiam estes ideais acreditavam que o pensamento racional deveria ser levado adiante substituindo as crenças religiosas e o misticismo, que, segundo eles, bloqueavam a evolução do homem. O

<sup>8</sup> Introdução à filosofia da ciência Prof. Dr. Silvio Seno Chibeni Departamento de Filosofia, Unicamp.

<sup>9</sup> Este movimento surgiu na França do século XVII e defendia o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que dominava a Europa desde a Idade Média. Segundo os filósofos iluministas, esta forma de pensamento tinha o propósito de iluminar as trevas em que se encontrava a sociedade.

<sup>10</sup> Doutrina segundo a qual todo conhecimento provém unicamente da experiência.

homem deveria ser o centro e passar a buscar respostas para as questões que, até então, eram justificadas somente pela fé<sup>11</sup>.

Através deste antropocentrismo configurou-se um novo cenário, onde a razão tem sua autonomia no que tange a fé. E assim o homem moderno vai emancipando-se cada vez mais de sua imanência espiritual, caminhando mais um pouco na história, vemos que o indivíduo não se limita mais somente a explicação dos fenômenos, nem tampouco somente as questões naturais, mas começa a observar a importância dos fatos que são preponderantes na realidade do homem. Esta ideia desponta no pensamento de Auguste Comte (1798-1857) que começou a atribuir fatores humanos nas explicações dos diversos assuntos, contrariando o primado da razão, da teologia e da metafísica. Para Comte,

o método positivista consiste na observação dos fenômenos, subordinando a imaginação à observação. O fundador da linha de pensamento sintetizou seu ideal em sete palavras: real, útil, certo, preciso, relativo, orgânico e simpático. Comte preocupou-se em tentar elaborar um sistema de valores adaptado com a realidade que o mundo vivia na época da Revolução Industrial, valorizando o ser humano, a paz e a concórdia universal<sup>12</sup>.

Aparentemente o pensamento positivista significa na história, uma superação da ciência sobre a fé, onde “todas as coisas” dariam certo sem a influência da religião. Este desenvolvimento científico trouxe consigo muitos benefícios, porém, a ciência por si só, não deu conta de evitar problemas de cunho ético-moral, e no auge do positivismo, o homem moderno constrói uma bomba nuclear, dizimando boa parte da população Japonesa, fixando um evento emblemático que provou que o cientificismo não tem todas as respostas para as questões que permeiam a realidade do homem. Um fato importante da ciência moderna foi o surgimento da tecnologia, pois ela alavancou a economia mundial, imprimindo um pensamento utilitarista no chamado homem moderno. É fato que hoje dispomos de eletroeletrônicos os quais tem um curto tempo de uso, pois o avanço tecnológico produz coisas para ser utilizado em um curto período de tempo, fenômeno social o qual Marx o chamava de fetichismo<sup>13</sup>. Estes avanços fortalecem o espírito utilitarista da sociedade moderna, o qual irá influenciar diretamente na prática religiosa, também como na visão do indivíduo a cerca de Deus. No Brasil houve forte influência do protestantismo americano com a vertente chamada teologia da prosperidade, encabeçada pelo reverendo HAGIN (1917-2003). O qual ensinava que devemos:

reivindicar, determinar, profetizar como forma de lembrar/pressionar Deus a atender aos desejos do fiel. Um dos livros em que trata disso se chama Pensamento certo ou errado. No primeiro capítulo, após falar da importância do pensar certo e definir Confissão Positiva, ele afirma: Se a nossa maneira de pensar não estiver certa, de acordo com essas diretrizes, nossa crença

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historia/iluminismo/> acessado às 23:12 do dia 28/09/2014

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.brasilescola.com/sociologia/positivismo.htm> acessado às 23:51 do dia 28/09/2014

<sup>13</sup> Fenômeno social onde a mercadoria passa a ser objeto de prazer no que diz respeito à valorização pelo ter.

estará errada. Então, nossa conversa será errada, e seremos confundidos e derrotados. Precisamos compreender o que a Palavra de Deus pode fazer por intermédio dos nossos lábios (HAGIN, 2000b, p. 10).

Este pensamento é vigente no Brasil, e no mundo moderno, pois se funde com o ideal capitalista, e reforça ainda mais o conceito utilitarista, o qual é transferido até para o próprio Deus, ou seja, a fé no mundo moderno, com exceção é claro dos remanescentes que lutam para viver uma experiência de Deus genuína, tem sido um meio utilitário. Os programas religiosos televisionados, quase que generalizados, expressam tal pensamento, e desta forma o indivíduo que se constrói no mundo científico moderno, é um indivíduo polarizado, ou crê piamente em um Deus utilitário, ou crê na fé como poder de alienação da massa. Como salienta Antoniazzi,

A emoção é procurada em primeiro lugar. [...] Esta afanosa busca de experiências de salvação, libertação, felicidade revela que a sociedade contemporânea gera muita incerteza e insegurança. Uma sociedade — como a atual — [...], cheia de apelos e seduções que incentivam o consumo (gerando insatisfação mais do que saciá-la), não pode deixar de produzir, também no campo religioso, uma procura de respostas práticas, utilitárias, imediatas<sup>14</sup>.

O imediatismo é a marca do homem atual, compactando uma experiência de Deus no mundo moderno sob a perspectiva utilitária de um ser narcisista, que agora dispõe de todo avanço científico e tecnológico, porém, permanece sem saber como libertar-se da correnteza que o sistema capitalista lhe impõe. A respeito disto o Filósofo holandês Herman Dooyeweerd declarou:

O homem de massa moderno perdeu todos os seus traços pessoais. Seu padrão de comportamento é ditado pelo que é feito em geral, transferindo este a responsabilidade pelo seu comportamento para uma sociedade impessoal. E essa sociedade, em troca, parece estar sendo controlada por um robô, um cérebro eletrônico ou pela burocracia, pela moda, pela organização e outros poderes impessoais. Como resultado, nossa sociedade contemporânea não deixa lugar para a personalidade humana e para uma comunhão espiritual real de pessoa para a pessoa. (Dooyeweerd, 2010).

---

<sup>14</sup> Cosmovisão cristã e transformação pg.20 / Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho, [organizador] — Viçosa, MG : Ultimato, 2006.



#### 4. PERSPECTIVA DE UMA NOVA INTEGRAÇÃO ENTRE RAZÃO E FÉ.

O debate sobre a relação entre a religião e a ciência é um dos grandes temas do momento. Muitas vezes prejudicada por posicionamentos extremistas, tanto do lado da religião como do lado da ciência, a reflexão sobre o tema tem ocupado as mentes de filósofos, teólogos e cientistas da mais alta competência, e angaria crescente reconhecimento, não somente por sua importância política e cultural, na busca por uma integração e harmonização entre a fé e a prática científica, mas também pela constatação de que posicionamentos religiosos têm impacto decisivo na própria constituição das ideias científicas<sup>15</sup>. João Paulo em sua carta Encíclica *Fides Et Ratio*, nos diz que no âmbito da investigação científica, foi-se impondo uma mentalidade positivista, que não apenas se afastou de toda a referência à visão cristã do mundo, mas, sobretudo deixou cair qualquer alusão à visão metafísica e moral”. (1998, pg.65). Está clara a imanência da espiritualidade no ser humano, porém, é uma discussão constante a integração entre razão e fé, visto que há fatores ao longo da história que colaboraram para o atual distanciamento, como no caso do positivismo que teve sua parcela significativa de cooperação. Ao final do século XIX na França, o positivismo surge como uma corrente filosófica que defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro, seus principais idealizadores foram Augusto Comte e John Stuart Mill. O Positivismo desdenha e nega qualquer linha de conhecimento que possa ter algum vínculo com qualquer tipo de crença, racionalizando de forma polarizada o conhecimento. No período, várias respostas foram elaboradas em contraponto à moral revelada pela fé, sendo uma delas a de Immanuel Kant. Para Kant<sup>16</sup> a moralidade se funda num procedimento interno à razão do homem. Através deste fundamento, Kant postulou algo diferente de todas as outras teorias éticas vigentes até o Século XVIII: uma ética na qual a ação humana era embasada na vontade deliberada racionalmente (apud ROUANET, 1994). O impasse surge neste momento, pois as expressões subjetivas da espiritualidade não podem ser medidas e nem compreendidas por meios científicos, mas por meio da fé, elas podem ser moldadas na integração com a razão a fim de proporcionar ao indivíduo uma visão

<sup>15</sup> CARVALHO, G. V. R.. A relevância do teísmo cristão para a ciência, no pensamento de Roy A. Clouser. In: XI Congreso Latinoamericano sobre Religión y Etnicidad, 2006, São Bernardo do Campo.

<sup>16</sup> ROUANET, Sérgio Paulo. Dilemas da moral iluminista. Ed. Ética. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, pg. 149-162.

holística de sua realidade. O homem tem os princípios éticos em seu interior, como propôs Kant, porém, é como se esses princípios ficassem alienados em uma região imanente, sem conseguir transportá-la ao mundo exterior em suas atitudes, pois a integração razão e fé aqui aparecem como a ponte que viabiliza essa passagem dos princípios e valores às atitudes condizentes.

## 6. CONCLUSÃO

Sendo assim, compreendemos que esta temática não pode ser esgotada devido a sua complexidade, porém, trazê-la ao campo da reflexão, é considerar que o científico e o sagrado fluem em uma crescente significativa, e sua consonância pode promover o progresso dentro dos limites da ética, por isso a religião agora mais do que nunca tem seu papel na prática de balizar as ações do chamado homem moderno, a fim de que a ciência possa beneficiar a humanidade para além do interesse econômico, mas alcançar justamente os que estão à margem, os quais são lembrados pela religião. Ignorar o sagrado e dar a primazia ao científico é condicionar a humanidade aos mesmos erros, também como a fé não pode sobrepor a razão, visto que a religião sem o bom uso da razão se torna poder de alienação. Respeitar o pluralismo é fazer bom uso da razão em sintonia com a fé, pois a evolução sempre estará presente na vida do homem, mas a sua busca pela “verdade” permanecerá. Esta afirmativa ainda que ilustrativa, demonstra a veracidade da presença da fé e da razão na vida do homem, por isso, nos parece propício apontar tal integração por meio do diálogo, partindo do pressuposto que nem a ciência nem a fé por si só respondem os questionamentos do homem, mas como disse o Dr. LEOMAR<sup>17</sup>

Não é possível pensar que a ciência seja a única forma de acesso ao conhecimento. Passou o tempo do cientificismo que sustentava que a ciência seria capaz de explicar tudo e, portanto, eliminar a religião. O universo é por demais vasto e complexo para esgotar a pesquisa científica. Avança o conhecimento, mas não diminui a complexidade do que ignoramos. Entre as luzes que descobrimos, percebemos muitas sombras que nos cercam. Basta explorar a astronomia e descobrir a imensa possibilidade da existência de galáxias por nós desconhecidas.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Doutor em Teologia e professor da PUCRS.

<sup>18</sup> Disponível em: [http://www.catedraldecaxias.com.br/uploads/livros/Fe\\_e\\_razao.pdf](http://www.catedraldecaxias.com.br/uploads/livros/Fe_e_razao.pdf) acessado às 11:20 do dia 29/09/2014

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BIBLIA SAGRADA: **Antigo e Novo Testamento** (Tradução de João Ferreira de Almeida), 2ª Edição revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005

CALVINO, João **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**, vol. III (SP: CEP, 1989), 186, 187.

**Cosmovisão cristã e transformação** / Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho, [organizador] — Viçosa, MG : Ultimato, 2006.

DOOYEWEERD, Herman, **No Crepúsculo do pensamento ocidental**: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico, traduzido por Guilherme Vilela Ribeiro, Rodolfo Amorim, Carlos de Souza – São Paulo Ed. Agnos, 2010.

HAGIN, Kenneth E. **Jesus, a porta aberta**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2000a. \_\_\_\_\_ . **Pensamento Certo ou Errado**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2000b (E-book).

MANGALWADI, Vishal, **O Livro que fez o seu Mundo**: Como a Bíblia criou a alma da civilização ocidental (Tradução Carlos Caldas). – São Paulo Ed. Vida, 2012.

PAULO II, João. **Carta Encíclica Fides Et Ratio**, aos Bispos da Igreja Católica sobre as relações entre Fé e Razão, pg. 65,66.

RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza**. Trad. Antonio Trânsito; revisão César Ribeiro de Almeida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SCHAEFFER, Francis. **A Morte da Razão** – 1ª Edição em português, 1974 pela Aliança Bíblica Universitária do Brasil – SP.

WOOLDRIDGE, D. R. “**O ensino econômico e social de Richard Baxter**”, Jornal Os Puritanos, Ano II – Número 5 (Setembro/Outubro 1994), 27.